

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
aos e endereços Litteratura Portuguesa—Lisboa.

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 48—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 11 DE JULHO DE 1904

NUMERO 36



CAMILLO CASTELLO-BRANCO DE CORREIA-BOTELHO

Foi a grande mestre de romances em Portugal, sagaz e subtilissimo, com o privilegio de
actuar que os seus e litteratura de paginas mostrava o seu e os seus personagens e a sua
estilo romancista, e uma enciclopedia de factos. Arrastava e fazia sentir lagrimas no olhar mais sereno
e sentimentalissimo, sempre bem vindo que romancista e a sua carreira foi uma illustração
extra de litteratura de paginas e a publicação de seu romances levou ao nome de romancista e
especialista com um tipo de romancista. Escreveu entre outros romances de verdadeiros romances de
paginas.

Os romances de Camillo Castello Branco de Correia Botelho, *Memorias de Guilherme de Almeida, Senhor da
Paz de Fátima, o Espelho, os Brillantes do Brasil, o Brasil de Princesas, o Indez, Amor de Princesa,
Memorias do Corvo, Fátima de Lamea, A Via Santa, Amor de S. Sebastião, O Anjo de
Carmo, a Torre* e ainda mais de romances romancista que ainda hoje se lêem com uma admiração

extrema por seus romancista singular cuja obra é a mais monumental de litteratura portugueza dos
seculos modernos.

Camillo teve uma vida romancista, mas o latido de seu latido original, dos seus romances
além de sua obra romancista de viver com os romancista.

Então quozente ainda existia no do seu romancista, e que em Portugal chegou a ser o
romancista, e em 1 de julho de 1898 entrou na sua casa de S. Miguel de Beira decaído e
a luz que chegou depois de hoje romancista.

Verdadeiro romancista de guerra de romancista de guerra, Camillo Castello Branco teve para a
romancista como Romancista e Garibaldi.

Nasceu em Lisboa a 17 de março de 1822 e aos 82 do seu filho do Marquês Joaquim Botelho Castello
Botelho e de D. Rosa d'Almeida de Espinosa Soares.

CHRONICA

Camillo

Fez agora onze annos que o cadaver de Camillo Castello Branco passou nas ruas do Porto dentro d'uma sogre de quarta ordem escollada por seis gatos pingados e seguia apenas pelo trem do cangaheiro, n'um enterro mesquinho de paria que a custo escapasse á valla.

E lembra um romance do proprio Camillo, com as suas dôres e as suas scenas picarescas, com as suas amarguras e com as suas chalaças, com o seu inicio de tragedia e o seu final de catastrophe, essa vida do grande romancista que envelheceu a amar e por consequencia a soffrer, fazendo chorar o publico com os seus livros, como se os escrevesse com a penna molhada n'um caudal de lagrimas.

Camillo é o prototypo do homem de letras de talento em Portugal quando não se enfeita com a gargalheira de litterato official e não enverga os seus livros na capa da ordem; é também o prototypo do romantico vivendo a existencia dos seus heroes, saltando por sobre os preconceitos, amando como um louco, padecendo como um condemnado, com muito de cavalheiroso e de usado, com muito de bardo e de aventureiro.

Elle veiu d'uma familia d'infelizes, nasceu com um mau fado e com genio, foi diabolico na mocidade, retalhou o coração a amar pelas brenhas da sua Samardan, como um pastor idyllico que os annos foram a desfilludir, ao ver morrer uma das suas apaixonadas e ao ver outra esquece-lo para casar com um boieiro. Da primeira guardou a caveira exhumada romanticamente pela meia noite na egre-



A PARTIDA DO CONTINGENTE DE MOÇAMBIQUE—A PASSAGEM NA CALÇADA DO MARQUEZ D'ABRANTES



A PARTIDA DO CONTINGENTE DE MOÇAMBIQUE—UM GRUPO DE SOLDADOS DE CAVALLARIA

jinha rural, da segunda guardou a recordação de que com o consorcio engordara.

Poetando por montes e valles, a deixar-se prender por novos laços, Camillo subjuga as mulheres com o seu talento, casa-se n'um momento de paixão e vai vagamundear de seguida, fugindo a um sogro doutor d'aldeia, hospeda-se n'uma agua furtada do Porto e lá do alto com a sua miseria e com a sua botija de tinta atria a luva á cidade, que atrôa tanto com os seus livros como com as suas diabruras.

Por horas tardas, quando ia desencuar a cateca no travessoiro, penitenciava-se e queria uma vida sã, sem excitações e sem dividas, mas logo se deixava prender n'umas tranças lindas ou nas garras dos editores aos quaes dizia em dias de apuros:

— Sim . . . Tenho um livro . . . Soberbo enredo. . .

E passava o recibo, narrando o entredo que lhe chegava de facto, de prompto, e que d'ali a um moz formava a obra posta á venda de seguida, para enriquecer os outros.

Volvem os annos, vem-lhe uma sede de recolhimento, isola-se, sonha em ser padre ainda romanticamente, porque no seu peito vive um amor impossivel, um affecto sem igual, a paixão que o leva á cadeia apos o primeiro beijo dado n'essa mulher tão estremecidamente amada.

N'um carcere escreve o *Amor de Perdição*, enquanto Anna Plácido, que deixára marido e lar por elle, escreve n'uma cela vizinha a *Luz coada por ferros*. Continua então a vida a desmanchar vaidades, a castigar crestinos, a malar a linguagem rija das chronicas para fazer com ella essas encantadoras paginas dos romances, seu pedestal e seu ganha pão.

Trabalhava febrilmente noite e dia, engastava joias na historia litteraria, entregava-se á lucta e assim ia morrendo aos poucos, entre um filho louco e uma livraria vazia, ralado de saudades, sentindo-se glorificado e pobre, sentindo também que lhe fugia a luz dos olhos e que jamais poderia ver as casinhas claras do Candal, as agrestes brenhas transmontanas, os prados verdes e os barões grotescos, as figuras flagrantes dos seus livros e as aves voando pelos ares e os pontes lindos que descrevia como ninguem, e as aguas onde se balouçavam os barcos, e a amante, aquella mulher querida, e os filhos, mesmo o louco que elle tanto amava.

Então, n'uma tarde, tomou uma arma e desfechou-a contra si e cahiu como uma arvore gigantesca que ao desabar abre uma clareira na floresta, a qual levará seculos para se preencher com outra tão soberba e tão gloriosa.

E fez agora onze annos que esse grande morto passou n'um caixão para o cemiterio e que lá ficou esquecido, para vergonha nossa, que já deviamos ter peza-lo n'esse esquite para o levar até ao Pantheon, que já deviamos ter pedido a um municipio uns palmos de qualquer rua para erguer uma estatueta a esse ego que tanta luz nos deu.

ROCHA MARTINS.



A PARTIDA DO CONTINGENTE DE MOÇAMBIQUE—OS VENDILHÕES EM FRENTE DO QUARTEL DA JUNQUEIRA



A REVISTA DA BRIGADA DE CAVALLARIA NO HIPPODROMO

VOLTIO A CAVALLO—ESGRIMA DE LANÇA (GOLPE DE COUTO)—CARGA EM FORRAGEADORES—EXERCÍCIO DE VOLTIO—COMBATE A PE—MARCHA PARA A CARGA EM LINHA
A REVISTA ANTES DO EXERCÍCIO—O SR. GENERAL HONORATO DE MENDONÇA ASSISTINDO À CONTINENCIA FINAL

Fizeram-se os exercícios de cavallaria que desde ha muito não se realisavam. O sr. general commandante da divião assistiu as manobras, que foram cheias de interesse. Os regimentos de cavallaria 1.º e de lancieiros 2.º formaram ao sul do campo e de seguida desfilaram em continencia diante do sr. general.

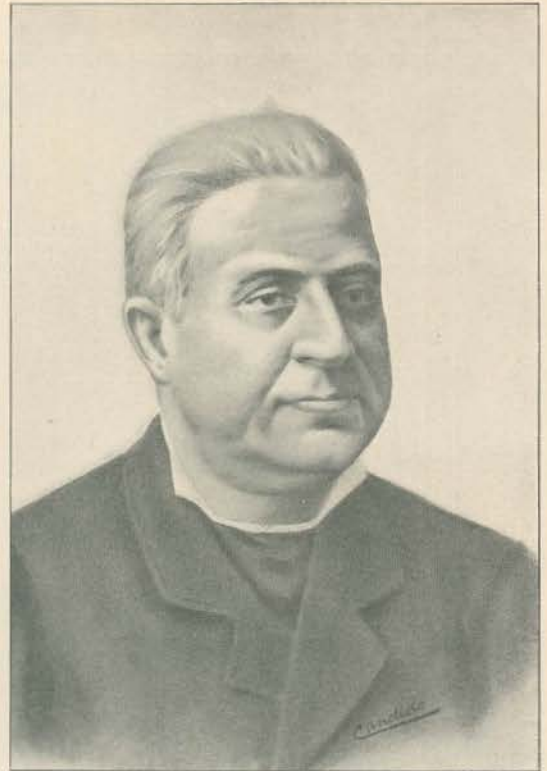
Fez d'um lindissimo effeito a galopada dos esquadrões; as bandeirinhas dos lancieiros esvoaçavam, brilhavam as espadas nos ultimos reflexos do sol da tarde e um tremido martial percorria os assistentes. O 1.º esquadrão de lancieiros fez o manejo de lança e o 4.º esquadrão de cavallaria executou o jogo de espada enquanto o 3.º esquadrão de lancieiros e 2.º de cavallaria 4 formavam bivaques.

Outros esquadrões apuraram as e formaram em linha de atiradores, começou o tiro e como se fossem perseguidos por um hypothetico inimigo, n'uma retirada prompta, saltavam para as selhas e foram-se a'uma admiravel calopista pelo campo fôrta. Os soldados gritavam excitados, entusiasmados pelo galope, dando o effeito completo d'um combate com o choro da pólvora e o brilho das armas, n'essa luz de tarde que ficava. Houve depois exercicio de voltio. Terminou a revista por uma brilhante carga em linha, passando depois as tropas à desfilada pelo hippodromo. Um cabo de cavallaria caxo do cavallo onvem-se gritos, ha correrias e os regimentos continuam na sua galgada levantando nuvens de poeira, com as lanças em riste, para voltarem de novo quasi a passo em continencia ao sr. general de divião.



O PRIMITIVO TUMULO DA RAINHA SANTA ISABEL EM SANTA CLARA DE COIMBRA
(Desenho do sr. dr. Valle e Sousa expressamente feito para a ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA)

Diz a lenda que a rainha Santa transformava o pão em flocos e que com os seus dedinhos breves e cor-de-rosa mitigava as dores e sarava as enfermidades.
É certo que a sua bondade foi infinita, que de corpo e alma se dedicou a remediar os infelizes na terra, já servindo os pobres, já chamando os ricos ao caminho da caridade, já obrigando a sua própria família a paz que aconselhava aos outros; e foi assim que ella de roço aos pés do filho, revoltado contra seu proprio pai, D. Diniz, os obriga a abraçarem-se, a esquecerem.
Rainha santa lhe chamam o povo e a igreja dentro em pouco a cançonem, ficando o seu corpo a repousar na igreja de Santa Clara de Coimbra, n'um tumulo que ella mandara fazer. O mosteiro de Santa Clara ficava na margem esquerda do Mondego e foi derrocado em parte pelas aguas que subiam. Haheo, em 1684, D. João IV mandou fazer no topo da collina outro convento da mesma invocação e o corpo da rainha santa foi trasladado para esse mosteiro e mettido n'um rico cofre de prata e crystal, que ali se expõe ainda á veneração dos fieis.



GONCALO ALVES MENDES

Falleceu o conego Alves Mendes, um dos mais insignes oradores sagrados portuguezes, e cuja palavra fulgurante, lapidada, toda em expressões d'uma altissima cultura de forma, soou no templo dos Jeronymos a favor e elogio do grande escriptor Alexandre Herculano. Amigo pessoal de Camillo, o mestre insubstituivel do romance, morreu no mesmo mez em que ha onze annos aquelle soberano romancista se suicidou.
Alves Mendes arrebatava e seduzia pela phrase cuidada com trabalhos portentosos de labor, de delicadeza, rendilhada com uma inextinguivel arte, soberba de rhythm, de imagens e de colorido.
Foi Ribeiro d'um modesto operario e nasceu em Penafiel a 19 d'outubro de 1838. Frequentou a Universidade e formou-se no anno de 1859, tendo alcançado numerosos premios.
Começou coito a sua gloriosa carreira tendo feito entre outras monumentaes orações funebres as de Fontes Pereira de Melo e Herculano, propagando tambem nas execuções de Barros Gomes e por occasião da traslacao das ossas dos principes de Aviz no mosteiro da Batalha.
Foi tambem um brilhante escriptor, deixando entre outras obras a *Tingim a Italia*, os *Mens plagios*, etc.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA O GENERAL RUSSO KUROPATKINE EM LIAO-YANG

Kuropatkin acaba de ser ruidosamente aclamado em Liao-Yang onde foi examinar as posições e passar uma revista ás tropas ali aquarteladas, que o victoriamos delizari emente. De seguida o general tomou de novo logar no combate especial que o coutrahira a Liao-Yang, tendo lido pri-

meiro uma proclamação que fez distribuir pelos commandantes dos corpos e na qual recommenda firmeza ás tropas russas.



A PARTIDA DO CONTINGENTE DE MOÇAMBIQUE:—O SR. MINISTRO DA MARINHA ASSISTINDO AO EMBARQUE DAS FORÇAS NA PONTE DO ARSENAL.

Partiram bem e alegres os soldados que embarcaram no *Zaire* com destino a Moçambique. Subiram às vergas, encheram a tolda do paquete, saltaram vivas e despediram-se da pátria depois de se terem despedido das famílias. O sr. ministro da marinha assistiu à partida das forças e teve palavras d'elogio para os militares que, deveras entusiasmados, saudavam os seus superiores. Muitos, debruçados na

amurada, disseram um adeus às pessoas queridas que tinham ido à despedida, outros postavam-se à proa e n'uma algazarra alegre desajonhavam-se para doctra em Portugal. Estava muita gente na ponte do Arsenal, trocavam-se os últimos abraços, a banda de caçadores 2 tocava o hymno da Carta e o *Zaire*, pelas 2 horas da tarde, levantava ferro.

Redobrarão os vivas, viam-se aquellos homens acenando com os lenços, correspondiam-se-lhes e assim o paquete se foi fazendo ao largo chegando ainda a porto e vozear dos expedicionarios. E assim, com uma alegria estonteante, os nossos soldados deixaram a patria para irem servir nas colonias onde sem duvida continuão a honrar o nome portuguez, mostrando o seu brío e o seu valor.



A PARTIDA DO CONTINGENTE DE MOÇAMBIQUE EM 1 DE JULHO
OS OFFICIAES DO CONTINGENTE—OS SARGENTOS DO CONTINGENTE

Do quartel do Ultramar na Junqueira sahiram pelas 11 horas da manhã as forças, no effectivo de 440 praças, que vão guardar a provincia de Moçambique. Fizer-se a distribuição do rancho, os soldados andavam alegremente d'um lado para outro, alguns faziam ainda compras aos vendilhões ambulantes que estavam em frente do quartel e todos se mostravam bem dispostos para essa viagem através dos mares.

Surprehendiam-se trocos de conversas e notava-se que aquellos homens, na esperanza d'um futuro melhor, mas porque tinham sido promovidos, outros porque esperavam trazer d'África algumas economias com que se recolhessem depois ás suas terras, se levavam a saudade levavam tambem o contentamento.

Todas as praças se offereceram para o contingente e estão assim distribuidas: artilharia, 11 sargentos, 16 cabos, 2 clarins, 1 ferrador e 81 soldados; cavallaria, 9 sargentos, 19 cabos, 2 clarins, 2 ferradores, 91 soldados; infantaria, 63 sargentos, 63 cabos, 11 corneteiros e 88 soldados. Os officiaes do contingente são os avcs. capitães: Souto Mayor, Alcega Machado e Silva Monteiro; tenentes: Estevão de Figueiredo, Gusião de Mello, Alvaro Favares, Sebastião Lousada, Motta Portugal, Fonseca, Osorio e Antonio Romar; alfores: Gonçalo Ribeiro, Sampaio Antas, Gonçalves Guerra e Jesus Caleiro.

As tropas entraram no Arsenal pela 4 hora da tarde levando á frente a banda do regimento de caçadores 2.º e o embarque fez-se na melhor ordem.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA—A BATALHA DE HAE-PING

Haiping é uma praça forte, que, segundo noticiam os telegrammas, acaba de ser tomada pelos japonezes.
 Durante dois meses se fez um assédio tanto em ordem, que chega a lembrar a tactics alemã quando foi da guerra franco-prussiana. Sedán caiu do mesmo modo em poder dos alemães.

O general japonês, formando as suas tropas em grandes massas e collocando-as aos quatro pontos cardinaes da cidade, obrigou-as a avançar sem precipitação, serenamente, mathematicamente, enquanto os russos viam a manobra, e sentiram-se impotentes para fazer parar essas legiões, que, como uma fatalidade, caminhavam para elles, trazendo a derrota. É verdade que tinham menos gente e

ainda assim tentaram atacar os assaltantes, conseguindo apenas travar escaramuças com as avançadas; porém os corpos d'exército viriam em columnas cerradas a fazerem um mais cerrado cerco, obrigando por fim o inimigo a batalha, na qual deviam ter bem mais numerosas vantagens.

E assim aconteceu porque a cavallaria russa foi rechazada, a artilharia pouco pôde fazer diante das posições dos japonezes e por fim a praça foi tomada ficando prisioneira a sua guarnição, á excepção de tres officiaes, que fizeram saltar os minos para não serem obrigados a entregar as suas espadas aos japonezes.



A FESTA NO ALBERGUE DOS INVALIDOS DO TRABALHO
JOÃO JOSÉ DE SOUSA TELLES—OS ALBERGADOS—A ENFERMARIA

O Albergue dos Invalidos do Trabalho foi fundado sob o patrocínio de S. M. o rei D. Pedro V para recolher os operarios victimas de desastres nos trabalhos ou aquelles que pela sua avancada idade ou por qualquer enfermidade não possam trabalhar. As direcções do Albergue tem sabido corresponder ao pensamento do sancion monarchico e o Asyle está cheio de valhidos, alguns bem sympathicos, que ali encontraram um amigo para a miseria.

Um dos mais devotados protectores do Albergue foi esse bello prototypo de humanitario ha pouco fallecido, João José de Sousa Telles, cujo retrato foi collocado na sala das sessões d'essa instituição a que elle tanto se dedicou. O elogio do finado foi feito pelo sr. Costa Goodolphin e o retrato foi descestrado por seu filho, o sr. Sousa Telles, nosso collega do *Correio da Noite*. Em phrases

sentidas se pranteou o morto illustre pelas suas acções, esse homem que, á custa do seu esforço e honradamente, conseguiu um lugar na sociedade, passando a sua vida a praticar o bem.

No terraço do Albergue os valhidos, ao sol, com as suas fardas novas, conversavam e lia-se-lhes nos rostos a satisfação, chamavam as criancinhas com sorrisos ternos de boas graças e acariçavam-nas contentes. Um d'olhos, tremulo, rugado, com uma serenidade de justo nos olhos azues, dava a um pequenito o seu quinhão de fructa de jantar e murmurava: Tive um soldinho assim... E quasi chorava o valhido, ao beijar a face mimosa da criança. Foi, pois, bem succedida essa festa dos velhos obreiros que já deram a sua parte de vida á sociedade e agora repouam, pagando-se-lhes assim uma divida.

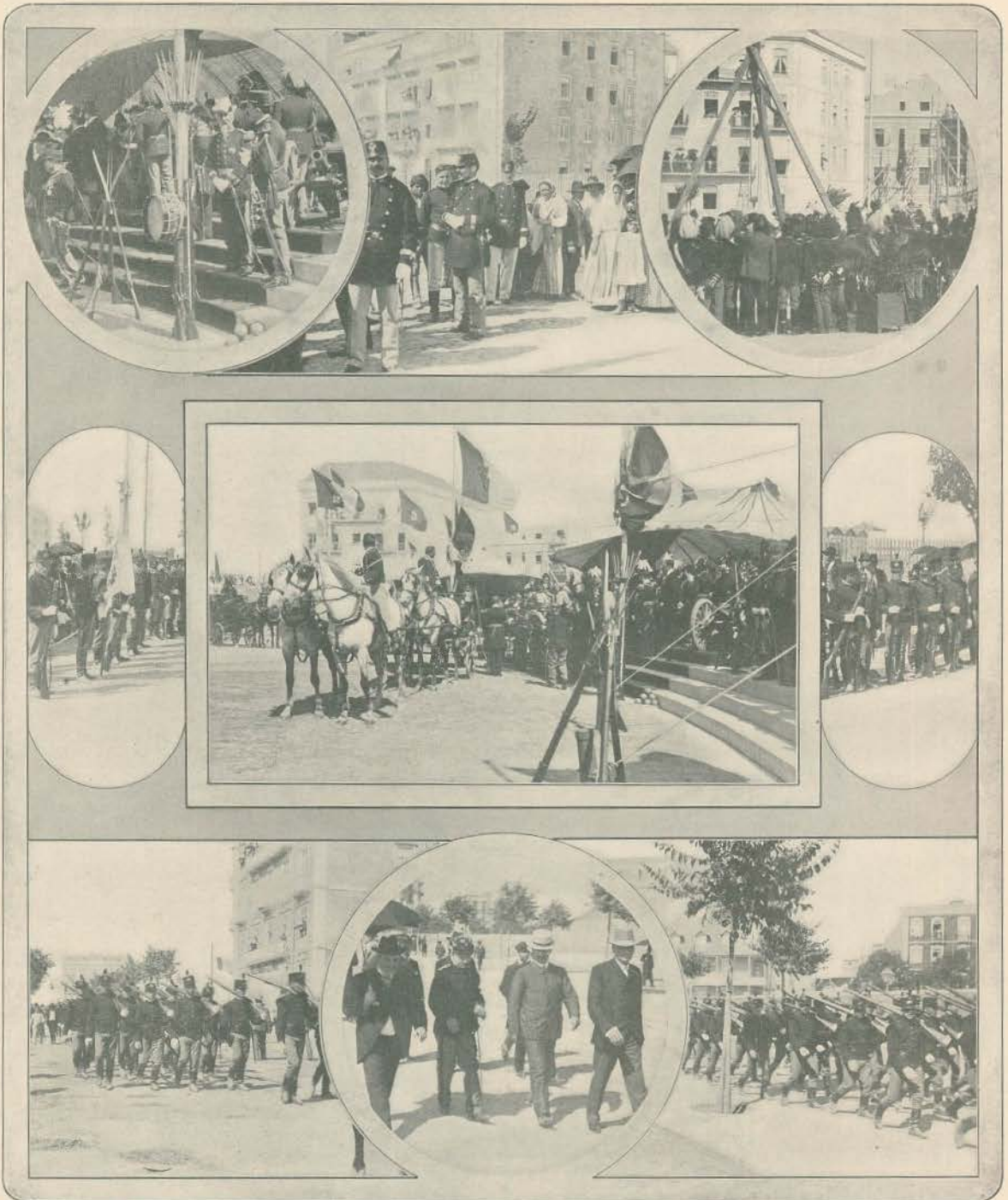


A CERIMONIA DA COLLOCAÇÃO DA PRIMEIRA PEDRA NO MONUMENTO DO MARECHAL SALDANHA EM 5 DE JULHO

O BRUNTO ANTES DA CERIMONIA—OS PAVILHÕES—OS ÚLTIMOS BETOQUES NA ORNAMENTAÇÃO—O APARELHO DIFFERENCIAL—A ENTRADA DA BARRACA REAL do regimento de infantaria n.º 1 e o coronel escolheu para a metter na ordem o capitão Saldanha que era o mais moço dos seus officios. Contava apenas 18 annos e futuro marechal e assim, imberbe e bello, á frente da companhia de voluntarios encunelidos nas guerras, conduziu os á victoria sendo louvado por Borsford que o promoveu a major por distincção em 2 de dezembro de 1809, mandando o incorporar ao regimento, segundo se lê na ordem: *por vencer nos Plores a major mais distincto do reino.* Tal era o homem agora consagrado.

Com a assistência de S. M. o rei e sendo representado o auctor do monumento sr. Thomaz Costa, pelo architecto sr. Ventura Terra foi collocada a primeira pedra do monumento ao Marechal Saldanha na praça que tem o seu nome na Avenida da Liberdade. O Marechal Saldanha atravessou todo o periodo torrencioso das lutas em Portugal desde o tempo dos francezes, pois foi nomeado capitão em 17 de agosto de 1807. A familia real deixou Portugal, a corte installou-se no Brazil, vieram hermoiticos nos tempos a o joven capitão do regimento de infantaria n.º 1 pediu a sua demissão

para não servir ás ordens dos invasores que tinham chegado com Janel. Durante algum tempo Saldanha conspirou, até que em 1808 se aliou de novo ao exercito ao ver que a nação se levantava para expulsar o inimigo. Tomou parte na primeira batalha em julho de 1809, commandando a oitava companhia do seu regimento e servindo na divisão heróica do tufel general Bernardi de Freire, que a anos depois foi chabrisado em Braga. Hoje durante esta campanha uma indisciplinada e campañinha de grandeeiros



A CERIMONIA DO ASSENTAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO A SALDANHA

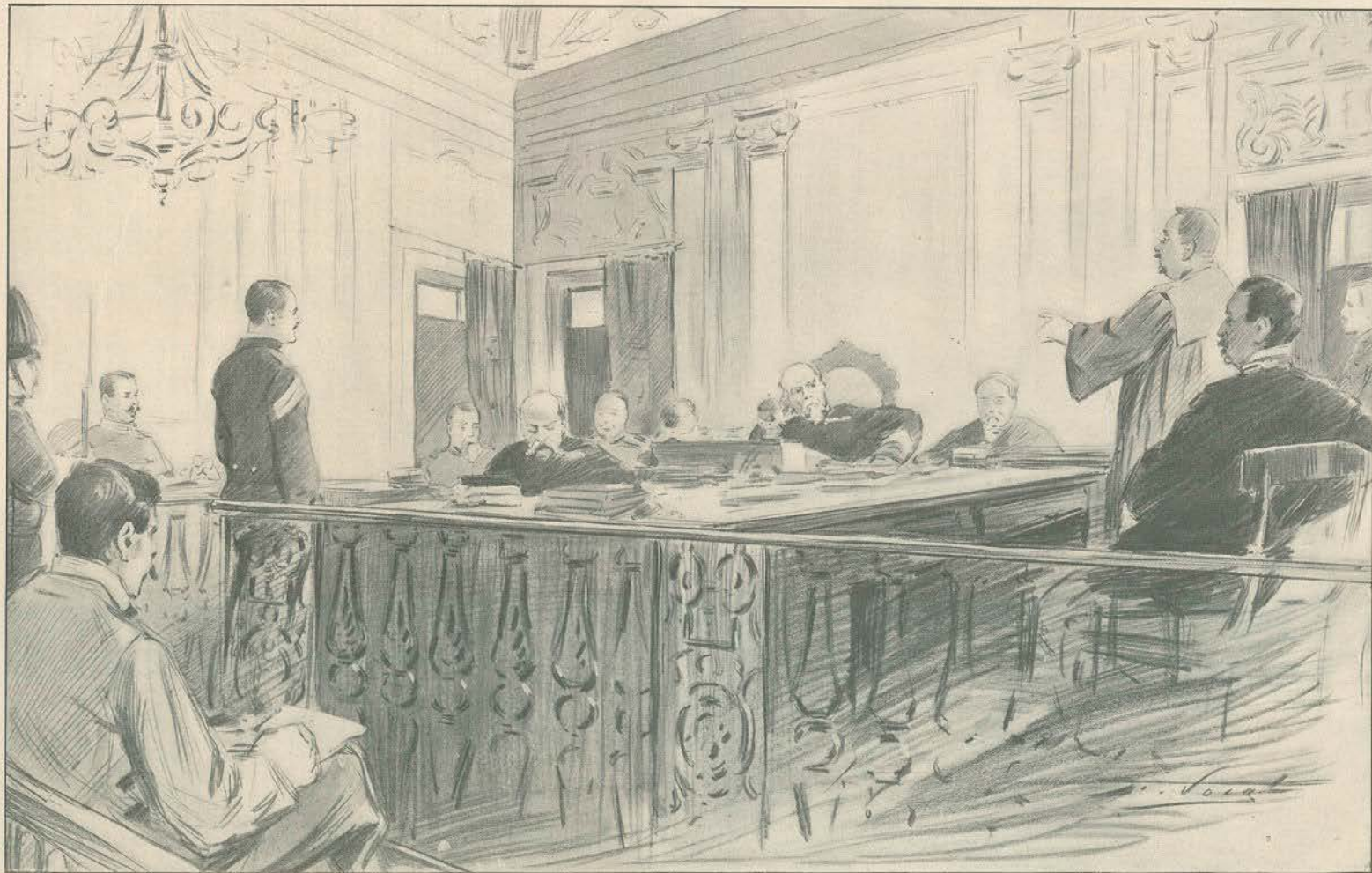
ACUARDANDO A CHEGADA DE S. M.—RESPEVADORES COSTEIRAS PELA POLICIA—AO BAIXAR DA PEDRA—A BANDEIRA DO REGIMENTO D'INFANTARIA I—O M. EL-REI APERTANDO A MÃO AO SR. D. RODRIGO D'ALMEIDA, SOBRINHO DE SALDANHA—EM VELOCÃO—A RETIRADA DO REGIMENTO—O GENERAL SR. D. RODRIGO D'ALMEIDA A VOLTA DA CERIMONIA—INFANTARIA I EM MARCHA

Realizou-se esta cerimonia com a assistencia de S. M., o rei que batou a pedra fundamental da estatu, obra de Thomaz Costa e que é a glorificação do grande marechal. Sob a pedra foi collocado um pequeno cetro com todos os typos de moedas em prata e cobre cunhadas durante o reinado de S. M., o rei e o senhor D. Carlos. Assistiram milites militares e o recinto estava cheio de trophes, espadas e bandeiras, vendo-se tambem alguns canhões e espingardas contemporaneos dos feitos do grande cabo de guerra.

Antes de principiar a cerimonia chamou as attentões um veterano com setenta annos de serviço que falava do marechal. Alguns officiaes o rodearam e elle com um enthusiasmo enorme recontava a memoravel ataq. de Almoraz, acrescentando mult. commov. de —E, que bom hoium

era" o senhor marechal! Uma vez desceia a Ponte Santa e viu uma mulherzinha a chorar no meio dos mouteiros que o senhorio mandara despejar da casa. Perguntou-lhe do que se tratava e como esta lhe explicasse tudo, o senhor Saldanha deu-lhe o diaheiro e foi-se embora para não lhe ouvir os agradecimentos.

Entretanto, o architecto sr. Ventura Terra aproximava-se do local onde se ia collocar a pedra, que um apparelho differencial fazia bal. ar, e sua magestade o rei, com um martelo de prata, tocava a pedra sobre a qual se deve assentar o monumento, ao som das musicas e das altras, apontando então S. M. a mão ao general sr. D. Rodrigo d'Almeida, sobrinho do grande marechal e que foi seu ajudante de campo.



O NOVO JULGAMENTO DO EX-CABO 115 DA GUARDA MUNICIPAL QUE ASSASSINOU DOIS OFFICIAES

(Croquis tirados na audiência)

O PROMOTOR DE JUSTIÇA SR. TENENTE CORONEL JOÃO FERREIRA DE VASCONCELLOS—O RÉU—SR. GENERAL FREITAS DA COSTA, O PRESIDENTE DO TRIBUNAL—JES AUDITORES, SR. DR. MAGALHÃES BARROS—ADVOGADO DO RÉU, SR. DR. LOMELINO DE FREITAS—DEFENSOR OFFICIOSO, SR. CORONEL MARIANO PEREIRA

Foi julgado no Supremo Tribunal de Justiça Militar o ex-cabo 115 da guarda municipal que passou para infantaria 9 com o nº 7329 da 2.ª companhia do 3.º batalhão. As circumstancias trágicas d'esse crime, todas as suas miudezas, sobresaltaram durante muito tempo a opinião publica. O réu viveu da Estrella prestar de clarões ao século e a' esta redacção foram os episodios deveras commoventes e extranhos que estão attida na memoria de todos. O advogado de defesa do réu foi o sr. dr. Lomelino de Freitas que não o pudera defender quando do julgamento na 1.ª instancia, em virtude de ter chegado mais tarde do que a hora marcada para a

constituição do tribunal. Tratava-se agora de ver se o processo devia de novo baixar á primeira instancia e o tribunal pronunciou-se pela confirmação da sentença depois de ouvir os discursos do sr. promotor de justiça, tenente coronel Pereira de Vasconellos, e do advogado do réu, sr. dr. Lomelino de Freitas. A audiencia durou umas tres horas e o réu recebeu no Castello de S. Jorge, deoando ser brevemente exonerado. Quando o 115 entre dois soldados de engarbiaria sahia da sala, chorando copiosamente, pediu para falar ao seu advogado. Ao velo, disse-lhe em voz tremula, todo angustiado: «Sr. doutor, eu bem sei que sou um criminoso mas não me

recia tanto castigo. Estou desgraçado para sempre e agora já ninguém me pôde valer.»

O sr. dr. Lomelino de Freitas, visivelmente commovido, voltou simplesmente: —Eu fis o que pude!

—Obrigado, sr. doutor, obrigado.

E entre as duas bayonetas desceu a escadaria do tribunal para tomar lugar no carro celliular. E assim foi o final d'essa tragedia que alvorçou o paiz d'un extremo ao outro.



POR UM SUAVÍSSIMO PÓR DO SOL VIMOS SAHIR DO MAR AS CUPULAS E OS MINARETES DE ALEXANDRIA

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Estivemos toda a noite com os bons monges no convento de Ramleh, e de manhã levantámo-nos e fomos a galopar a distancia que ras d'ali a Jaffa, porque a planície era tão equal como um sobrado, e sem pedras, e foi esta a nossa ultima jornada na Terra Santa. Decorridas essas duas ou tres horas, nós e os nossos cavallos cansados pudemos repousar e dormir á vontade. Foi d'esta planície que falou José, quando disse: «Sol, detem-te sobre Gabaon; lua, pára sobre o valle do Ajalon.» Quando nos approximavamos de Jaffa, os rapazes picaram as cavalgadas, e entregaram-se á excitação de uma verdadeira corrida—esportu que raras vozes tinhamos tido depois do outra corrida semelhante em jumentos nas ilhas dos Açores.

Aqui vivem outr'ora Simão e Curtidor. Fomos a casa d'elle. Todos os peregrinos visitaram a casa de Simão e Curtidor.

Chegámos, finalmente, ao bello bosque de laranjeiras em que está embuzada Jaffa; passámos os seus muros, percorramos ruas estreitas por entre enxames de andrões animados, e vimos outras cousas e succederam-nos outras cosas, com que estavamos familiarizados. Apedemo-nos pela ultima vez, e lá no longe, ancorado, enxergamos o navio! Puz ahí um ponto de admiração, porque e sentimos quando vimos o barco. A longa peregrinação estava terminada, e em certa maneira nos sentiamos contentes com isso. E assim deviamos estar, porque a não fizemos com o proposito de recrear os nossos olhos com os quadros fascinantes da natureza, e n'esse caso teriamos tido um desengano— pelo menos n'esta estação. Na *Vida na Terra Santa* observa um escriptor:

«Monotona e pouco convidativa como grande parte da Terra Santa parecerá a pessoas acostumadas á quasi constante verdura das flovas, a amplios rios e á variada superficie da nossa patria, dovenos lembrarmos de que o seu aspecto devia ter sido muito diverso para os israelitas depois da marcha extenuante de quarenta annos pelo deserto.»

O que nós todos livremente garantimos. Mas em verdade é monotona e pouco convidativa, e não ha razão sufficiente para a descrever de outra forma.

De todas as terras de triste patagom penso que a Pa-

lestina é a primeira. Montes escalfados, de cor foia, e de um foltio nada pittoresco. Valles desertos, como nunc se veiam, guardados por uma fraca vegetação, que exprime desanimo e tristeza. O Mar Morto e o Mar da Galileia dormem no meio de uma vasta extensão de montes e planícies em que a vista não apercbe nenhuma cor agradável, nenhum objecto notavel, nenhum suave painel que parece sonhar entre uma nevoa purpura ou picado das sombras das nuvens.

Contudo, pequenos fragmentos ou pedaços d'ella devem ser muito bellos no pleno desabrochar da primavera, e tanto mais bellos pelo contraste com a extensa asolação que os cerca de todos os lados. Gostaria eu muito de ver as margens de Jordão na primavera, e Siquem, Edrelon, Ajalon, e as orlas da Galileia—mas ainda então esses logares não haviam de parecer simples jardins de brinquedo collocados a grandes intervallos na deserta amplidão sem limites.

A Palestina cobre-se de burel e de cinzas. Sobre ella passa um vento de maldição, que seccou os seus campos e abateu a sua força. Onde Sodoma e Gomorra levantaram outr'ora as suas cupulas e as suas torres, inunda agora a planície esse mar averto, em cujas aguas amargas não existe nenhuma creatura viva—sobre cuja superficie aliada paira immovel e morto o ar que queima—em torno de cujas margens só crescem hervas parasitas, e espalhados feixes de cannas, e esse fructo truceiro que promete refrescar os labios ressequidos, e ao tacto se converte em cinzas. Nazareth está abandonada; proximo d'esse van do Jordão por onde as hostes de Israel entraram na Terra da Promissão entoando canticos de alegria o que a genie encontra é um campo esqualido de phantasticos beduinos do deserto; Jericó, a amaldiçoada, é uma ruina que se desfaz aos pedacos, hoje, tal qual como o milagre de José a deixou ha mais de seis mil annos; Bolem e Bethania, na sua pobreza e humilhação, nada possuem actualmente que nos dê a lembrar a grande hora da presença do Salvador; o logar consagrado em que os pastores vigiavam os seus rebanhos de noite, e os anjos cantaram paz na terra aos homens de boa vontade, não é occupado por nenhum ser vivo, nem abençoado por qualquer traço agradável á vista. A mes-

ma afamada Jerusalem, o nome mais augusto da historia, perdida toda a sua antiga grandeza, e tornou-se em uma pobre aldeia; já lá não existem as riquezas de Salomão para atrahirem a admiración das rainhas orientaes que a visitou; o maravilhoso templo, que foi o orgulho e a gloria de Israel, desapareceu, e o crescente musulmano está erguido sobre o sitio em que, no dia mais memoravel nos annos do mundo, elles attingiram a Cruz Santa. O tão falado Mar da Galileia, onde as esquadras romanas outr'ora lançaram ferro, e os discipulos do Salvador andaram embarcados, ha muito que foi desamparado pelos apaixonados da guerra e do commercio, e as suas praias são um deserto mudo; Capharnaum é uma ruina informe; Magdala um refugio de mendigos arabes. Bethsaida e Corazin sumiram-se da superficie da terra e os «logares desertos» que as cercam, onde milhares de pessoas escutaram a voz do Salvador, e comeram do pão milagroso, dormem na paz de uma solidão, apenas povoada de aves de preza e de astuciosos rapozas.

A Palestina é arida e desomavavel. E porque o não seria? Porventura a maldição da divindade pode embellezar um paiz?

A Palestina já está fóra d'este mundo de trabalho quotidiano. E' consagrada á poesia e á tradição—é terra de sonho.

XXVI

Felicidade de estar outra vez no mar—O que é em casa n'um barco de recreio—Aperto de mão ao navio—O vestuario de Jolo—Cousas que lhe deu o pae á despedida—Approximamo-nos do Egypto—Em terra em Alexandria—Merecido cumprimento aos burros—Lavação das tribus perdidas da America—Fim da celebre «voluntade de Jaffa»—Quadros do Grande Cairo—O hotel de Shepheard comparado com certo hotel americano—Preparando-nos para as Pyramides.

Valia um reino estar outra vez no mar. Foi um allivio soffocar todos e quasequer cuidados—todas as perguntas para se saber onde iríamos; quanto tempo nos haveriamos de demorar; se valeria a pena ir ou não ir; todo o cuidado sobre o estado dos cavallos; perguntas taes como esta: «Voltaremos já mais ao mar?—Tomare-

mos alguma vez ainda *lanch!*—Ferguson, quantos milhares de milhas mais temos enganinhado debaixo d'este sol ardente antes do alcançarmos?—foi um alívio arremessar para muito longe todas essas atormentadoras pesonagens afflicções—eram cordas de aço, e todas tinham em si um modo de apertar difíceis—e sentir o contentamento passageiro que provém de banir todo o cuidado e responsabilidade. Não olhamos para a bussola: agora não nos importava para onde o navio ia, contanto que perdese a terra de vista o mais depressa possível. Quando fôr viajar outra vez, quero ir a um barco de recreio. Por dinheiro nenhum daria-mos, em um navio estranho e entre rostos desconhecidos, a perfeita satisfação e o sentimento de estar em casa outra vez, que experimentámos, quando puzemos o pé a bordo do *Quaker City*—o nosso proprio navio—depois d'esta fastidiosa peregrinação. E' alguma coisa que sentimos sempre que voltámos para bordo, e que não tínhamos vontade nenhuma de vender.

Despimos as camisolas de lã azul, tirámos as esporas e as nossas botas, os nossos revólveres sangnarios e as nossas calças com assentos de pelle de gamo, barbedemo-nos o vestimo-nos outra vez com trajos de christãos. Todos, menos João, que mudou todas as roupas, excepto as suas calças de viagem, conservavam ainda intacto o seu amplo assento de pelle de gamo: de maneira que o seu certo jaquetão de cor de ervilha e as suas compridas pernas delgadas concorrerão para fazer d'elle um objecto pittoresco, quando estava no castello da prôa a contemplar o oceano por cima da prôa. N'esta occasião vinha-me á lembrança a derradeira recommendação do pae d'elle. Dizia assim:

«João, meu filho, em breve estarás com uma brilhante roda de cavalheiros e damas, gente muito civilizada, e absolutamente consummada nas maneiras e costumes da boa sociedade. Escuta a sua conversação, repara nos seus hábitos de vida e aprende! Sé attentoso e delicado com todos, e respeita as opiniões, os defeitos e prejuizos de todos. Conquillata o justo respeito de todos os teus companheiros de viagem, ainda quando não possas merecer a sua attenção amigável. E olha, João—nunca cuses, enquanto viveres, apresentar-te em publico, no convés, com bom tempo, com um traje improprio da sala de visitas de tua mãe!»

Pois era coisa que valia dinheiro se o pae d'este maneio esperancoso pudesse estar um instante a bordo, e ver o filho de pé lá em cima no castello de prôa, com a rabona de cor de ervilha, o fez encarnado com borla, o assento de pelle de gamo e tudo o mais—contemplando serenamente o oceano—raro espectáculo para a sala de visitas de qualquer pessoa.

Depois de uma aprazível viagem o de um bello desonaco aproximámo-nos do Egypto e por um suavissimo pôr do sol vimos sahir do mar as espulas e os minaretes de Alexandria. Apenas se lançou ferro e João saltámos para um escaler e fomos para terra. Já era noite, e os outros passageiros preferiram ficar a bordo a visitar o antigo Egypto depois do almoco. Tíam feito o mesmo em Constantinopla. Tomaram um vivo interesse pelos paizes novos, mas a sua impaciencia de rapazes da escola tinha-se desvanecido, e haviam apprendido a levar as cousas da boa feição e a passar commodamente—esses velhos paizes não desaparecem de noite; ainda lá hão de estar depois do almoco.

No caso encontramos um exercito de rapazes egypcios com burros, não maiores que elles, á espera de passageiros—porque os burros são os omnibus do Egypto. Preferimos ir a pé, mas não acertávamos com o caminho. Os rapazes amalhavam-se em torno de nós, e impelliam os burros exactamente para deante do nosso cambulo, fosse lá para onde fossemos. Eram uns patifes bem intencionados, e o mesmo eram os burros. Montámos, e os rapazes a correr atrás de nós mantinham os burros n'um galope furioso, como é moda em Damasco.

Dámos com o hotel, tomámos quartos, e ficámos muito contentes quando subimos que o principe de Galles tinha ali estado. Por toda a parte se via o retrato d'elle. Nenhum outro principe ali tinham pensado, até que João e eu chegámos. Fomos passar pela cidade, e achámos que possuia immensos edificios commerciaes e largas, formosas ruas, resplandecentes de luz do gaz. De noite era uma especie de recordação de Paris.

Do manhã as tribus perdidas da America vieram a terra, encheram as hoteis e tomaram posse de todos os burros e meios de transporte que appareceram. Foram n'um cortejo pittoresco ao consulado americano; nos grandes jardins; ás agulhas de Cleopatra; á columna de Pompeu; ao palacio do vice-rei do Egypto; aos soberbos bosques de palmeiras. Um dos nossos mais afortunados caçadores de reliquias levava consigo o seu martello, e tentou quebrar um pedacço da agulha erecta e não pôde conseguillo; tentou derrubar uma, e nada fez; pediu a um pedreiro um pesado macho sem resultado nenhum. A columna de Pompeu tambem sombou

d'elle, Espalhadas em toda a volta do formidavel monolitho se vêem esphinges de grave aspecto, esculpidas em granito egypcio não rijo como ago azul, e em salientes feitões e volver de cinco mil annos não deixou signal. O caçador de reliquias deu-lhes com força e persistencia, e sucou abundantemente na sua tarefa. Fôz o mesmo que pretender desfazer a Ina. Ellas pareciam medir serenamente o sorriso majestoso que por largo espaço tem tido, e que parecia dizer: Esfalta-te, miserio insecto; não fomos feitas para ter modo de entes como tu; no dobrar de tantos seculos temos visto mais da tua especie do que arias tens aos pés; ficou d'elles em mim algum vestigio?»

Tenho-me, porém, esquecido dos colonos de Jaffa. Em Jaffa recebemos a bordo uns quarenta membros de uma comunidade muito falada. Eram machos e fêmeas; crianças de peito, rapaziços e rapariguinhas; gente nova casada, e outros que tinham passado a primavera da vida. Refiro-me á colonia Adams de Jaffa. Outros haviam já desertado. Deixámos em Jaffa o sr. Adams, sua mulher e quinze desgraçados, que não sabiam para onde se voltar ou para onde ir. Assim não affirmaram. Os infelizes quarenta, que vieram comenos, passaram deitados sobre o convés, com o enjô do mar, toda a viagem. Todavia, um ou dois ainda se conservaram de pé, e a poder de muitas instancias nossas, sempre obtivemos algumas poucas informações. Deram-nos com diffiduldade e aos pedaços, porque, tendo sido embaixados de modo vergonhoso pelo seu propheta, sentiam-se humilhados e malaventurados. Em taes circumstancias ninguém gosta de falar.

A colonia foi um completo fiasco. Já disse que os que se podiam da lá safar o faziam, de quando em quando. O propheta Adams—outr'ora actor, depois varias outras cousas, ainda posteriormente Mormon e missiona-

sar de se vêr livre de taes visionarios, e não estava nada disposta a incumbir a algum de l'hes levar para lá. Todavia, chegar ao Egypto sempre era alguma cousa aos olhos dos desventurados colonos, sem esperanza, como tudo parecia indicar, de poderem ir mais longe.

Fôz n'esse estado que elles desembarcaram no nosso navio em Alexandria. Um dos passageiros informou-se com o consal geral do quanto custaria resgatar essa gente aos seus laros no Maine, por via de Liverpool, e elle disse que mil e quinhentos dollars se outro chegariam. O sr. B. deu um cheque para em favor de dinheiro, e assim acabaram os incommodos dos colonos de Jaffa.

Alexandria era demasiado semelhante ás cidades europeias para apresentar novidade, e por isso nos enfadámos. Alugámos carnagens, e viámos até aqui, á antiga Cairo, que é uma cidade oriental, do mais perfeito typo. Há lá poucas cousas que tirem da cabeça de qualquer erro em que estiver de se achar no coração da Asia. Dromedarios majestosos, fuscos egypcios, e igualmente turcos e negros ethiops, de turbante, de cinta, e deslumbrantes n'uma rica variedade de trajos orientaes de toda a costa de côres vivas, que a gente topa a cada canto nas ruas apinhadas e nos bazares que regorgitam de povos. Estamos alojados no «Hotel Shephard», e por que ha no mundo, excepto um em que eu estive uma vez n'uma pequena cidade dos Estados Unidos. Causa deleite ler agora o seguinte esboço no meu livro de apontamentos, e saber que posso estar no «Hotel Shephard», de certo porque estive n'um exactamente igual na America... e escapei.

«Estive em Benton House. Tinha fama de ser um bom hotel, mas isso não quer dizer nada—lá por isso, eu tambem era um bom rapaz. Ambos não deixámos de o ser, ha annos. O Benton não é um bom hotel. Falta-lhe muita cousa para o ser.

«Estava a noite já muito adiantada quando lá entrei, e disse ao gerente que gostaria de ter muitas luzes, porque precisava de ler uma hora ou duas. Quando cheguei ao n.º 15 com o moço (passámos por uma sala escura, coberta por um tapete usado, gasto em muitas partes, e remendado com pedacços de oleado velho—o pavimento da sala dava de si debaixo dos pés, e rangia a cada passadela)—elle acendeu uma luz—duas pellegadas de uma triste e pallida vela de sebo, que dava luz azulada, e espirrava, mingoa, e por fim se extinguiu. O moço acendeu-a de novo, e eu perguntei se era aquella a luz que o gerente tinha dado, ao que elle me respondeu: «Oh! não tenho aqui outra, e apresentou um par de cotos do sebo. Disse-lhe em então: «Acenda-os ambos, pois quero ter um ao lado do outro». Assim o fez, mas o resultado foi mais terrivel que as mosmas trovas. O moço era alegre e accommodativo. Disse-me que ia furtrar um candieiro fosse onde fosse. Incitei-o e animei-o no seu criminoso desgnio. Senti o dono do hotel vir atraz d'elle na sala dez minutos depois.

—Para onde vaez com esse candieiro?
—O 15 precisa d'elle.
—O 15! Pois não tem já duas velas—o homem quer parecer-se illustrar a casa?
—Ou vae fazer alguma coisa do fogareiro?
—E porque é que elle vela a pé?
—Não gosta das velas—diz que quer um candieiro.
—Ora essa! Nunca ouvi semelhante coisa! Para que diabo precisa elle de um candieiro?
—Diz que quer ler—é o que elle diz.
—Precisa ler?—Pois não está satisfeito com mil velas, e quer ainda por cima um candieiro? Leva-lhe outra vela, e então se...
—Mas toma em que quer um candieiro—diz que deita fogo á casa, se não lhe derem um candieiro (palavras que não profiri).
—Vá lá, mas vê tu se descobres o fim para me elle quer o candieiro.

E lá se foi rogoando, sempre cheio de espanto pelo laudito procedimento do n.º 15. O candieiro era bom, mas revelou algumas cousas desagradaveis—uma cama nos suburbios do deserto de um quarto—tanto com montes e valles e que tinha de accommodar o vosso corpo á forma que n'ella deixou o homem que ali dormiu a ultima vez, antes de lá vos deitardes commodamente, um tapete que vira melhores dias; um lavatorio metanoleico n'um canto afastado, e um balde com o bico partido; um espelho collocado ao centro, que vos fazia a barba mais completa, e vos dava ares de algum terrivel monstro incompleto; o papel cahia aos pedacços das paredes.

«Soltei um suspiro e disse: «Jato é encantador: e agora não me arranjas alguma cousa para eu ler?»



PATEO DAS COLUMNAS

rio, sempre um aventureiro — permaneceu em Jaffa com o seu destacamento de tristes subditos. Os quarenta que levámos comnosco eram faltos de meios, posto que não todos. Queriam ir para o Egypto. O que viria a ser d'ellos, não o sabiam, nem provavelmente se importavam com isso — o ponto era deixar a aborrecida Jaffa. Pouco tinham a esperar. Porque depois de muitos appellos á sympathia da Nova Inglaterra fomos por extrangeritos de Boston, nos periodicos, e depois de esta-belecido um escriptorio para receber as diadivas em dinheiro para os colonos de Jaffa, foi subscripto um dolar. O consal geral no Egypto mostrou-me o trecho do jornal que referia o caso, e mencionou tambem a cosseção das diligencias e o encerramento do escriptorio. Era evidente que a pratica Nova Inglaterra não tinha pa-



EUGENIA TRIGUEIROS

Com esta pequena desce-se um facto que recorda aquellas lindas historias de fadas que são rainhas e protegem os desditosos peões pelo acaso no seu caminho. É uma historia simples e commovente, com um sabor todo de suavidade e de encanto. S. M. a rainha a senhora D. Maria Pia, por occasião da festa de Immaculada no Jardim da Estrella, perdéra uma preciosa pulseira, recordação d'um altissimo valor, pela qual fora offerecida por S. M. o rei o senhor D. Luis no dia dos seus esponsaes. Debalde se procurou n'essa dia a pulseira, para ser entregue á angusta senhora. Mas na manhã seguinte um velho guarda, do Jardim foi ao Paço d'Alfama entregar a S. M. a pulseira que a sua netinha Eugenia achára quando andava brincando na tarde da festa, onde ella acconchada por uma irmã, com ella realmente em casa da sua tia e padrasto e sr. Joaquim Gregorio, mestre da banda de maricheiros, S. M. recebeu e aró da Eugenia Trigueiros, mandou-a vir o paço, offereceu-lhe almoco e por fim entregou-lhe um sobrescripto, fechado que o pobre homem não quiz abrir, dizendo:

—Não, real senhora, não... É o meu dever... E para demais não foi no quem achou a pulseira, mas sim a minha netinha. Se V. M. me quer fazer alguma bem proteja antes a criança e eu lhe agradeço...
S. M. mandou que levasse a pulseira ao paço e ao mesmo tempo escreveu e a aceitar o sobrescripto que continha 45000 réis, deliberando ao mesmo tempo internar a criança, se que essa, no Instituto D. Afonso, tomando a sob a sua real protecção. E dizem ainda que acabaram as boas fadas que são rainhas e protegem os desditosos peões pelo acaso no seu caminho.

DR. SIEUVE DE MENEZES

(ACTUAL DIRECTOR DO HOSPITAL MILITAR DE LISBOA)

Ao referirmo-nos de novo n'esta publicação ao sr. Dr. Sieuve de Menezes, prestamos não só uma justa homenagem ao seu primoroso caracter e aos seus valiosos servicos em Africa e Leticia, como, entre outros melhoramentos feitos ao hospital militar que dirige, restaurou por completo a sua capella, sem dispendio algum para a Fazenda, pelo que foi laureado em ordem regimental, nos atada de distincção e laçada que se deu no n.º 34 da *Illustração*, com o que mais uma vez nos congratulamos.



O CONTINGENTE DE MOÇAMBIQUE—À PORTA DO QUARTEL DA JUNQUEIRA



SR. GENERAL MORAES SARMENTO
Ex-director do Real Collegio Militar



ESCUPTOR THOMAS COSTA
Auctor do monumento a Saldanha

CHRONICA ELEGANTE

Entrámos na estação morta, no periodo *stagnante* e pesando tão custoso de passar na capital. Todos partem: aguas, campos, praias, montanhas, não é preferivel á morbida atmosfera da cidade. Como é natural, as *toilettes* de viagem, de excursão, de turismo, de sport são objecto de attenção cuidada e requintada apuro. O genero francez é o que principalmente domina n'estes vestuarios, não só na escolha dos tecidos como nos feitios e em todos os detalhes de objectos de viagem, mantas, malas, guarda sol e chuva, capas, chapéus commodos e praticos, *necessaires*, etc.

Os vestidos de viagem em cheviottes, *trécés* e tecidos de fantasia quasi todos tem bolero ou *jaquette* curta, porém o bolero é menos *nécessaire*, mais atroz e mais juvenil. O feitiço *tailleur* naturalmente adoptado não admitta muitas guarnições, mas o bolero farrado de seda branca ou creme abre-se para deixar apparecer uma *chemisette* elegante, e o forro é enfeitado e bordado, dando assim á *toilette* um aspecto muito differente do que conservando-o fechado é abotoado.



FIGURA 1

O *tea gown* ou *robe d'intérieur* até agora adoptado só em casa, como a palavra indica, tambem actualmente faz parte da bagagem das senhoras elegantes. Nas horas entre o passeio e a *toilette* para o jantar é delicioso este traje para uns instantes de repouso, de conversa amena com algumas amigas que vem ao chá das 5 horas. Por mais luxuosa e rico que seja, é um traje commodo, fresco, agradável e tem portado o seu lado pratico.

Esta feição pratica parece estender-se a tudo e actualmente não são só os inglezes e os americanos que d'ella tem o privilegio.

Citemos, a título de curiosidade, a installação de uma casa desmontavel apparecida ultimamente em Paris.

Esta casinha minúscula e de aspecto encantador compõe-se de um unico compartimento. Possui, porém, o material necessario para uma cozinha, um quarto de cama, uma casa de jantar e um *bureau*.

A vontade do possuidor e carregando sobre várias rodas e alcapões, faz-se surgir a mobilia necessaria para cozinhar, comer, trabalhar ou dormir. As diversas transformações, automaticas todas, executam-se com a maior rapidez e facilidade, figurando até objectos de luxo como guarnição do fogão de sala, etc. Quem viajar com uma casa d'essas pôde installar-se sobre o Right para



FIGURA 2

ver levantar o sol e dormir na noite seguinte no meio d'uma floresta a ouvir o trinar dos rouxinolos. Eis um precioso objecto de viagem que se leva como uma mala qualquer e custa apenas 1200 francos! Com mais alguma despeza installa-se um motor electrico para obter luz e calorico!

Fig. 1—*Toilette* de viagem em *trécé milanais beige* com *chemisette* e forros de *louisine* branca bordada a seda castanha. *Toque* de palha japoneza com penna de *geai*.

Fig. 2—Chapéu de viagem e sport em feltro moile branco pespontado. Azas de rola brancas e cinzentas.

Fig. 3—*Tea gown* em *moisselle des Indes* bordada com guarnições de rês, das e fitas de seda *broché* de diversas cores e fios d'ouro. Feltro *Empire* com *draperie* de seda do lado esquerdo.



FIGURA 3